

O ESTADO

Interessante

TERESINA, DOMINGO 23 ABRIL DE 1972

PADRE DELFINO

(o maior barato da paróquia)



- O celibato vai muito bem, obrigado



Do outro lado do rio morava um Padre com uma história que parecia lenda. Um padre que se identificava com a cidade que parecia ter sido construída por ele. Um deus místico. Uma cidade e um padre. O padre e a cidade. Um padre que rezava missa e fazia política. Um padre que rezava missa e andava a cavalo. Um padre vaqueiro. Um padre que rezava missa e dava remédio na comunidade. Um padre-médico. Um padre que rezava missa e fazia as leis. Um padre-juiz. E o padre e a cidade viviam esquecidos do outro lado do rio. Do lado de cá, ele aparecia de vez em quando como um mito. Do lado de cá, ele não era real. No caso do Parnaíba se falava dele como o todo-poderoso que existia do outro lado do rio. Do lado de cá, o padre era falado nas rodas de esquina como um personagem das piadas do casamento no lapic. O padre e a cidade eram piada. O padre e a cidade não existiam. O padre e a cidade eram uma história quase vaga e perdida no passado. Um padre de batina branca. Uma cidade manca. Um rio que separava a verdade do irreal. Uma lenda um mistério. Uma história pra ser contada no futuro como parte do folclore da região. O padre parecia ser irmão do cabeça-de-cuia. O padre e o folclore. A cidade e a lenda. Um rio que colocava a cidade e o padre do outro lado da lenda.

A idéia partiu do Luis Claudio. Alzira foi o perfeito reporter. Madalena, Ramos, Alberoni e Arnaldo (o homem responsável pelas fotos) ajudaram a santíssima trindade, que faz o jornal com ajuda do Espírito Santo, atravessar o rio e lá fomos nós buscar a história de uma cidade e de um padre. Tudo legal. O padre falou. Ele é real. A cidade existe. Um mistério das lendas que nos contaram as avós. Tudo certo. O padre, de fato era muito real nas lendas que nos contaram. A cidade era um jardim de Flores no vale das Cajazeiras. A cidade depois da ponte, depois do rio. O padre depois da lenda, depois do mito. Uma entrevista. Um vista. Uma vista do padre. Uma vista da cidade.

O ESTADO INTERESSANTE diz aí toda a história do padre e da cidade que pareciam uma lenda do outro lado do rio. O sol de abril. As manhãs de abril. Uma história de abril.

(EDMAR)

Nove noites de novena. Novidade. Os meninos são os mesmos Sujos e rindo. E o gosto das rezas e das ladainhas circula pela sala. O ar solene dos bolos com chocolates, vira bagunça pela cozinha. Hoje é a noite dos rapazes. O namoro pega uma folga, até mais tarde. Sem alarde falam de aliança. O vermelho da poeira das ruas está ali, debaixo de pés descalços. Mas é aquilo mesmo. Os dias santos vão pulando da folhinha. Não tem nada. O suor do rosto pinga e no lenço mesmo. E a banca de gelado pinta lá pela esquina. Morango, limão, maracujá, coco, cajá. E a raspa de gelo, esperança de quem não pode comprar. As calças curtas acompanham gritando a precissão. A pressa de chegar, vai na frente do andor. As velas nas mãos queimando. Se o andar se alonga, os rosários são desafiados. Desafiados os santos a obrarem milagres. Se alteia-se o canto, tanto Deus como seus anjos se veem descobertos e sem jeito de se omitirem mais. Jamais o vento da coragem escaceia, e a fêdas pernas abandonam os fiés. Quem és? Que vale teus quinhentos réis? No leilão quem dá mais? Olhem só este capão que dá uma arrouba, quanto me dão por ele? E as palmas de bananas? E os suspiros? E caixa de segredo? E dou-lhe uma, duas e três. Talvez mais que isto conte, a alegria da novena. O oratório no meio da sala São José, São Sebastião, Cosme e Damião, Santa Luzia, São Jorge Guerreiro, Santo Antonio Resplandescente. As velas de estearina iluminando estas flores de hoje de tarde. Os Benditos, saindo e entrando pelas bocas e ouvidos, chegam a passear lá pelo terreiro. Uma lamparina só, faz uma escuridão. Namorando no banco de madeira, ninguém vê. Ninguém vai é sair antes da reza acabar. Os perigos do inferno e os castigos do ceus acenam os deões. E os medos se escondem sob as saias de pregas e dentro das calças de linho. Arocha se faz, esperando o tempo passar. Guarda este anel bem guardadinho. Guardem este início de caminho, pra mim. Guardem a novena a sete chaves. O nosso cheiro de passado em nossas ventas. Nove noite de novenas. Fim das Andor pendurado no teto de palha. Consciência, tranquila na alma. Esperança, perdida no céu.

(GALVÃO)

FICHA



FICHA: Circulando debaixo do sol de abril, O ESTADO INTERESSANTE, suplemento dominical do jornal O ESTADO, rebenta aqui pela quarta vez. É feito por obra e graça e outras coisas mais do Espírito Santo, ajudado por Edmar Oliveira, Carlos Galvão e Marcos Igreja. Este número foi trabalhado especialmente por Luis Claudio, Alzira, Madalena, Noronha, Arnaldo e Alberoni. Jari Mosil pinta na página de cinema. O Zé Alencar escreve de Belém. Os correspondentes que ainda não mandaram nada, não sai aqui o nome deles. A diagramação é feita com ajuda do Machado Neto. Este é o número 4 (quatro) e não pode ser vendido separadamente. Agradecemos ao padre Delfino pelo o que foi dito na entrevista. Tudo legal. Só nos responsabilizamos pelos artigos assinados.

Papel / jornal

Chegou as minhas mãos o jornalzinho O JUVENIL, editado por uma turma de caras legais, que eu não conheço pessoalmente, mas que pelo que escrevem e pensam dá pra gente que ver já escolheram a sola do sapato, e a trilhas do caminho. Confesso que este jornal, deixou-me frustrado. Quanto eu lutei pra fazer um destes, no colégio, em clubes de jovens! Nessas minhas tentativas, não fui além de um jornal mural que «circulou» apenas um número, graças a imbecilidade de um diretor de colégio. Virtude por sinal, comum em diretores de colégios. Mas, tá legal, gente. E isso aí que se tem de fazer. Deixar de lado estas coisas. Passar ao longo e fingir não ver a beira do ab/cinismo alheio. Nós passamos tardes de nada, de preguiça, na sombra de idéias verdes. Nós quebramos a cabeça tentando achar uma válvula de escape para o nosso «borbulhar do gênio» particular. Nós acreditamos em nós mesmos e fizemos força. E explodimos o GRAMMA, com gosto de sangue,

suor e lágrima. Com gosto de Coca-Cola, Flal, Cerveja. E a contragosto de muitos. Com a pequena experiência que nós aqui temos, já dá pra gente dizer a vocês que fazer jornal é duro. Vide a capa do GRAMMA número um/único? «FAZER JORNAL NO PIAUÍ É DESDOBRAR FIBRA POR FIBRA O CORAÇÃO: Principalmente quando se quer praticar este sacrilégio que é bater a poeira destes mitos/múmias/morcégos, e mostrá-los, como são ridículos e debilóides. Ou então quando se incorre no erro grotesco de q u e r e r unir jornal+cultura. Dois elos de uma corrente que soltaram a muito tempo, e que hoje é inadmissível que voltem a se encontrar. Fazer jornal aqui, é ficar alimentando a eterna burrice do povo. O conceito que este esquizofrênico jornalismo daqui, tem de comunicação, é o mesmo de um navio de socorro que encontrando um naufrago em alto mar, ao invés de salvá-lo, joga ao mar uma tábua nova para que o naufrago continue

a boiar. Apesar de parecer profético e parabólico é isto aí, o que acontece. O importante pra vocês que fazem O JUVENIL, é preservarem as suas individualidades para que depois possamos, cada um contribuindo com suas experiências pessoais, dar base a um trabalho coletivo duradouro. Não se iludam. E bobagem tentar dialogar com estas estruturas/deusas da nossa cultura estabilizada.

Gente, o jornalzinho tá bom. Nota-se o cuidado que vocês tem em fazer um negócio bonitinho. Se me permitem, uma sugestãozinha, diminuem ao máximo este negócio de notinhas. Façam entrevistas. No mais tá muito bom. Parabéns a vocês ao J. Wellington, Sotério, Arraes, França, Edmar e todo o resto da patota. Vocês podem enviar colaboração pra gente. As poesias do J. Wellington, por exemplo são ótimas. Aproveito aqui para fazer uma chamada geral. O meus irmãos, vamos fazer alguma coisa. Um jornal, ou qualquer coisa. Nós estamos aqui pra dá um empurrãozinho.

(GALVÃO)

O conto da semana

O judas

A mulher do Agapito tinha dois metros de altura e quase um e meio de largura, nas costas, sem falar nos bigodes. Olhava o marido, com um jeito nada agradável.

— Na certa tá pensando em escapular pra cair na farra num desses bailes de Aleluia!

Mostrou a mão (dois quilos e meio):

Mas se tentar sair leva com a mão na cara, na cara! Te arrabento todo Agapito, você me conhece!

Agapito, que havia marcado a maior zorra com a patota dele, ficou naquela de horror:

— É agora? Com essa megera me vigiando o dia todo não vai dar pé de escapular de jeito nenhum!

Lá pelas tantas, já nervoso ante o olhar vigilante da mulher, tentou:

— Benzinho, vou até o boteco comprar cigarros, tá? Juro que não demoro nada.

A santa senhora quicou:

Ah, isto é que não. Manda o Antonico! Temos filho pra que?

Agapito tentou mais uma vez:

— Mas eu tô fumando aquele ci-

garro de nome estrangeiro e o Antonico não vai saber pedir!

Ela resolveu a questão num se gundo:

— Escreve o nome da marca num papel e dá pro garoto que ele traz Agapito consultou o relógio:

— Onze horas! O baile da turma do escritório começa meio-dia e eu ainda não arranjei um meio de cair fora desta jaula!

Teve uma idéia e começou a gemer:

— Ai, tô passando mal! Preciso ir correndo pra um hospital, senão fecho!

Ela fechou a cara, já adivinhando o golpe!

— Tá sentindo o que?

Desculpa esfarrapada:

— Sei lá, dor de barriga, um troço assim!

Ela voltou com um vidro:

— Toma este purgante!

Tomou.

Obrigado.

Chateado.

Ficou só, no quarto, imaginando mil meios de escapar da vigilância da mulher, mas sem desper-

tar suspeitas, porque sabia que, se descoberto, levaria a maior surra da paróquia. Deu um tapa na testa:

— Diabo, porque eu não pensei nisso?

Começou a catar roupa velha no armário:

— A calça do casamento do meu pai que eu herdei! A blusa que eu comprei em mil novecentos e trinta e nove!

Rasgou.

Frangalhos.

Vestiu-se e ficou parecendo um mendigo. Faltava a barba postiça. Tacou uma que comprara no último carnaval e ficou diferente paca, igualzinho a um mendigo:

— Acho que enganaria minha própria mãe!

Pulou a janela.

— Já tô até fantasiado! A megera vai ficar por conta se souber que escapei!

Quando pisou no chão começou a levar porretadas de tudo que era lado: era a turma pensando que ele era um «judas».

Página marginal

Já está virando palhaçada esse negócio do «tipo». O ouvinte abre o rádio, ouve aquela onda toda e fica sem saber quem é o «Tipo». Por que não dão os nomes aos bois?

Brevemente ocorrerá algo que vai dar muito o que falar. Será um astouro num empreendimento que está sendo tremendamente badalado na cidade.

Gozado: o leite sumiu mesmo. Foi aparecer (eu disse aparecer? Disse-o mal) o produto pasteurizado e a população ver-se obrigada a tomar água pura, sem um pingo de leite.

E a Romcy ainda não pagou ninguém... Será que o Herculano tinha mesmo razão?

Ninguém conseguiu ainda compreender os elogios feitos por aquele vereador do MDB ao prefeito Joel Ribeiro: «É um homem sensível...» Eu, heim?

E aquele comerciante, sempre estribado em lideranças, não sai do Karnakão, querendo vender seus produtos. Depois a gente aqui vai consultar o chefe pra dizer o nome do cujo.

Já não compreendo mais nada no Piauí. Dona Iracema viajou para Brasília a fim de participar da convenção nacional do MDB. E eu pensava que o MDB pisuiense era de gente como o Nogueira Filho, João Mendes, Josipio Lustosa, Ocilinho.

Está esquentando a briguinha causada pela da Universidade em matricular o jovem Alfredo Cadena Neto. Este, recorreu à Justiça, estando a questão em instância superior do Tribunal de Justiça do Estado. O reitor Hécio Saraiva explicou, através da imprensa, as razões da Universidade, mas o jovem não se conforma e afirma que na próxima semana vai ao Rio de Janeiro para lançar seu protesto no programa do Flávio Cavalcante.

Por falar em Alfredo Cadena Neto, ele disse para o colunista que o vereador Pedro Mendes Ribeiro foi extremamente infeliz no pronunciamento que fez a respeito do assunto. O jovem sustenta que Pedro Ribeiro está cavando um cargo de bibliotecário ou coisa parecida na UFP, para aumentar sua relação de empregos. Quase todos públicos, aliás.

Não se pode negar que, como jornalista o Carlos Augusto tem muitos méritos. O diabo, porém, é que agora ele está usando o microfone para discursos xaroposos. Tem uns que mais parecem sermão.

Esse negócio do sujeito malhar o Governador e ser visto no Palácio do Governo não cheira bem. Naturalmente não queremos nos referir ao professor Tito Filho, avisado no Karnakão na semana passada.

Damos nota 10 ao governador Alberto Silva pela iluminação moderna e reformas da Avenida Frei Serafim. Mas a iluminação da praça Pedro II e de várias outras ruas do centro da cidade deixa muito a desejar.

E continua a briguinha entre o coronel Joffre e o jornalista João Carlos Dias, o primeiro afirma que não tem tempo a perder com o jornalista e agora vai resolver a parada na marra, quer dizer, na por..., perdão, no murro. O Carlinhos, por sua vez, afirma não ter medo dos arrufos do ex-prefeito. Mas vocês querem saber a verdade? Essa briguinha está pior do que briguinha de comadre de ponta de rua. Não sai puxões de cabelos nem arranhões, muito menos pancadaria pra valer. Vamos acabar com tanta fofoca, minha gente.

O Ponílio já disse que não é a Márcia Windsor pra dar nota 10 a todo mundo. Porém esse negócio de criticar e meter o pau nos outros indiretamente, através de parábolas, já era. Dessas «bravuras» qualquer um é capaz. Nota 0.

Um quarteirão da rua Alvaro Mendes, nas barbas da Prefeitura, está mergulhada na escuridão há muito tempo. Diz o Higinio que já pediu providências a Deus e ao mundo, passando pela Nicinha e o Manelão (Avião), e até agora apareceram providência como apsece bigode em melancia.

Essa história de professor universitário viver se preocupando com o livro de presença, fazendo chamada dos alunos, dá a impressão de que nossa escolas superiores ainda vivem no tempo da tia Mariquinha, da escola de palmatória. Só tá faltando um professor chamar um universitário barbado e pai de filhos e botar o cujo de joelho, de castigo.

Declaração do jornalista João Carlos Dias sobre a acusação de que ele é um candidato frustrado: "Posso ser frustrado, mas não sou corrupto nem aproveitador de carros oficiais para alistar eleitores e comprar votos".

Muita gente importante (importante até demais) ia tremer nos alicerces se o grande público conhecesse o que mestre Emiliano, famoso pai-de-santo, tem a dizer sobre essa mesma gente.

A boca pequena comenta-se que (com licença do Carlos Augusto e da Bandeirantes) um engenheiro da cidade tem ganho muito, mas muito mesmo, dinheiro.

De um alto comerciante da praça: "É assim mesmo. O pessoal vem comprar fiado na loja da gente e leva o dinheiro para comprar papel na Romcy. E depois ainda nem recebe a mercadoria".

Padre Delfino o maior barato da paróquia

Padre Delfino, 61 anos, alto, forte, olhos azuis, corpo curtido pelo sol do parnaíba, um deus místico em Timon, um personagem de anedotas, uma lenda viva, um io clore, mas, sobretudo, um padre. Sete e meia da noite. O padre termina o jantar e senta na sala, onde a turma espera de gravador em mão. Alzira começa o papo. Os assuntos são aí contados. O padre falou e falou bem. O padre. O papo até as dez. Voltamos atravessando o parnaíba com um a bagagem de informações que está contada nesta entrevista.

(EDMAR)



ALZIRA - Como é, padre. O senhor está disposto a prestar declarações aí?

Pe. DELFINO - Eu não. Eu tenho muito medo de declarar meu imposto de renda. Não é imposto de renda que vocês andam fazendo? (gargalhada).

ALZIRA

- Por falar nisso, o senhor viu na televisão uma explicação sobre como declarar seu imposto de renda?

Pe. DELFINO - É, mas não chegaram a explicar nada. Por que o rapaz estava fazendo uma explanação e ficaram interrompendo com perguntas. Este negócio de dizer que é fácil fazer, não é verdade. Esta declaração é muito complexa. Se eu sou empregado e ganho um salário, e só tenho uma fonte de renda, até eu faço. Mas aí complica e não tem quem entenda mais nada. Eu me sentei, naquele dia, em frente a televisão, pra aprender aquele negócio. Disse: vou aprender, porque eu pago todo ano da conta cruzeiros para fazerem a minha. Mas quando o homem vai falar, o Flávio faz uma pergunta, o amigo de vocês (o Denner), faz outra e a gente acaba sem ficar sabendo nada.

MADALENA - Vou fazer uma pergunta assim meio gozadora sobre Timon. Como Timon depende muito de Teresina, eu quero saber se aqui tem Correio.

Pa. DELFINO - Olha, isto aí me lembrou uma coisa. A nossa tipografia aqui é Editora Correio de Timon. Tem esse nome porque eu fiz um jornal chamado Correio de Timon. Teu fechei o jornal para ba lanço e nesse balanço eu vi que ia afundar e parei. Afinal não é só eu quem tem obrigação de promover esta terra). Pois bem, eu mandei fazer uma placa pra tipografia e o sujeito botou "Editoria" bem pequenininho e "Correio de Timon" bem grande. Ai o pessoal daqui vai muito lá botar carta e passar telegramas...

L. CLAUDIO - Padre, é justamente estas particularidades da cidade que nós procuramos para a entrevista.

EDMAR - Padre Delfino, eu quero que o senhor conte a história de Timon, porque o senhor aqui faz parte da história da terra...

L. CLAUDIO - ... Faz parte do folclore...

Pe. DELFINO - Olha, eu cheguei aqui faz muitos anos. Eu cheguei aqui em 1938. Aqui havia umas dez, vinte talvez, casas, o resto tudo eram pardiolos. Terra muito pobre. Viviam esta cidade (como ainda hoje) em função de Teresina. Era isto. O trem esbarrava bem aqui dentro da cidade. Não havia outro meio de transporte.

L. CLAUDIO - Não havia a ponte?

Pa. DELFINO - Nem ponte nem nenhuma comunicação.

MADALENA - O senhor viu a construção da ponte?

Pe. DELFINO - Não. Vi a inauguração. Quando eu cheguei aqui já estavam com o truído. Então o pessoal de Teresina vinha receber os passageiros aqui, e os daqui também. E era aquele negócio que no interior se chama puidá. É um caminho de roça. E o movimento da cidade era este. Duas vezes por semana. Era uma beleza. Todo mundo se reunia pra ver o trem chegar, receber sua carni, sua encomenda. E não tinha nada interessante. O comércio muito fraco, muito pobre. Só tinha uns botecos pra vender cachaça. Não havia clubes, não havia nada. De forma que esta foi a cidade que eu achei aqui. Gente muito boa, muito pobre.

MARCOS IGREJA - E a igreja?

Pe. DELFINO - A igreja que eu achei era uma capelinha aqui ao lado. Doação de uma família antiga. Quando eu cheguei havia uma igreja em construção na altura das portas, aquela que está lá na praça. Eu então continuei a construção da igreja e terminei em 1946. De pois a cidade começa a se alargar pro rumo dali, do sul, então eu iniciei a construção de uma igreja que está lá, que dá tres desta. Já está com quatro ou cinco metros de altura. É uma igreja muito grande, lá no bairro Santo Antônio. E eu adivinhei porque a ponte nova passa por lá e a cidade vai crescer pra lá. ARNALDO - E o dinheiro, o senhor arrecada em quermesse?

Fiz politica 18 anos: Candidatei muita gente. Eu nunca me candidatei.

Eu achei isso sempre um pouquinho ridículo

Pe. DELFINO - Quando eu cheguei aqui, tudo girava em torno da igreja. Não havia clube, não havia nada, de forma que uma festa de arrabal era um movimento espontâneo e eu construí esta igreja e outras coisas que pude fazer com dinheiro arrecadado em quermesses. Hoje, há clubes pra todo canto, todo mundo tem com promissô. Já não tem muita gente pra trabalhar pra igreja. Assim, a gente vai arrecadando alguma coisa e vai fazendo o que é possível.

EDMAR - Eu vou lhe fazer uma pergunta que deveria ser feita ao início: o senhor veio de onde e porque?

Pe. DELFINO - Eu me ordenei em 1934. Foi vigário da catedral de São Luís do Maranhão dois anos. Foi secretário do arcebispo, que por sinal existe um nome muito bonito pra chamar isto, é chageliet. Mas, afinal das contas é um serviço de se cretariado. Dirigi a União de Moços Católicos lá. Fundei um jornal que morreu agora, que se chama "Jornal do Maranhão". Foi eu que pôs este nome...

EDMAR - O senhor nasceu aqui?

Pe. DELFINO - Sou de Pedreiras... Como eu estava dizendo de São Luís eu fui a Tulio, onde passei dois meses, vim pra cá em 1938 e aqui fiquei até hoje casado naturalmente, na falta de sacerdote. Não por merecimento. E que não havia padre. Então o bispo não mandou ninguém. E a gente chega a um ponto em que não pode mais sair. Começa a se vincular, tem compromissos...

EDMAR - Como é que é esta história de sua participação na política?

Pe. DELFINO - Política eu fiz desde os primeiros anos. Eu entrei na política com o governador Sebastião Acher. Ele me convidou pra organizar o partido do governo. Então eu perguntei: qual é a vantagem que a gente leva nisso? Ele disse: eu lhe dou apoio etc. e tal. O meu interesse era de ver isto desenvolver. Então eu organizei o partido e no segundo ano já estávamos com a vitória em cima. Resumindo, ele deu apoio moral e material. Aquela grupo escolar que ali está, o primeiro grupo daqui, quem terminou foi eu, que nunca fui prefeito da cidade. Ele me deu o dinheiro, sentia

contos, e eu terminei o grupo. Construí, com ajuda dele, uma escola em Borá Corado, uma escola rural. E muitas outras coisas. Consegui emprego pra muita gente. Muitas famílias vivem hoje às custas de empregos que eu arranjei naquele tempo. Minha consciência está tranquila. Na minha política nunca houve interesse pessoal. Eu nunca fui empregado do governo, nem dependo do governo em coisa alguma. Arranjei pra todo mundo, pra mim não. Minha função é o sacerdócio. Eu vivo em função da igreja. Vivo às custas da igreja até dois anos atrás. Então a igreja não podia mais sustentar, aí eu inventei um escritório para locações imobiliárias e tenho minha tipografia.

ALZIRA - Com dezito anos de política, o senhor nunca se candidatou não?

Pe. DELFINO - Não. Eu candidatei muita gente. Eu achei isso sempre um pouquinho ridículo...

ALZIRA - O senhor apoiava, né?

Pe. DELFINO - E. Altraves do meu apoio direito conseguimos fazer dois prefeitos, mas para mim não queria nada.

ALZIRA - Até hoje o senhor ainda apoia?

Pe. DELFINO - Até hoje. Agora é MDB. Quem não conseguia lutar na Arena ou não ganhava, ficou mais ou menos no ostracismo. Eu não procurei eu não vivo disso. Me acomodei com muita facilidade. Até hoje eu apoio. Nós fazemos dois vegetadores no ano passado.

ALZIRA - Quer dizer que o senhor nunca se candidatou?

Pe. DELFINO - Não. Uma vez fui candidato por uma semana. Depois eu mesmo desisti. Renunciei a candidatura já registrada, isto já faz uns oito anos. Os amigos insistiram. Porque o outro candidato era muito forte. Aí disseram: só o padre pode concorrer com ele. Mas assim mesmo eu desisti.

EDMAR - Como ficou entediado, quando o senhor disse "só o padre", parece que quando o senhor chegou aqui a força da igreja era muito grande. Eu quero saber como está a força da igreja agora.

Pe. DELFINO - Não é força da igreja. Eu não tenho força da igreja. Eu falei que



quando cheguei aqui tudo girava em torno da igreja, pois não havia outra coisa. Então todo mundo ficava esperando a festa aí, a quermesse aí no largo. Todo mundo vinha tomar a sua cervejinha brincar aí no largo. A força da igreja, desde que cheguei aqui até hoje e a mesma. Não mudou. A igreja está sempre cheia. Muita gente participa do ato religioso. De formas que não alterou nada. O que aconteceu foi esta participação do povo na ajuda material.

EDMAR - E mesmo o apoio ao senhor não mudou?

Pe. DELFINO - Não. Os amigos são os mesmos. O que desaparece são os amigos de interesse.

MARCOS GREIA - O senhor deixou a política ou a simultância? Porque eu tenho a impressão de que o senhor ainda está alguma coisa com os paulistas aqui...

Pe. DELFINO - Não. O que aconteceu e o seguinte: sabe por que eu consegui alguma coisa na política? Quando eu cheguei, quando me chamava pra acudir um doente eu ficava sem saber se levava o sacramento ou o remédio. Tal o estado de pobreza. Eu sempre meigi nesta rua, então havia uma lista semanal ou diária pra enfiar no. Aquela contribuição era gasta na compra de uma rede que depois voltava. Despejavam o doente lá no buraco e aquela rede voltava pra casa. Ou então era em cima de uma taboa. Era muito triste. Eu vendo isto, criei uma sociedade que se chama "Cajá do Pobre" em 1944, que ainda está aí. Então o cidadão pagava doze reais hoje paga cinquenta centavos ou um cruzeiro e tem um enterro garantido. E mais tem médico toda semana, tem remédio de graça, aplicação de injeção de graça, gula para os filhos de graça. A caixa dá também o sapato, dá a farda, dá tudo que precisa.

ALZIRA - E o dinheiro que é apurado nesta caixa dá pra cobrir as despesas?
Pe. DELFINO - Não dá. A gente consegue com um ou outro deputado subvencão. É muito pouco, mas dá pra sair arriado.

GALVÃO - Diga alguma coisa sobre D. Helber Câmara.

Pe. DELFINO - D. Helber eu conheço pessoalmente quando eu era seminarista. Em São Luís assisti uma conferência dele e a impressão que eu tive é a mesma que eu tenho hoje. É um homem muito discutido, mas eu não tenho elementos para dizer que não é aquela seriedade que eu conheci há quarenta anos. É um indivíduo entregue às coisas de Deus. Acontece é que o que ele dá não é bastante, insuficientemente interpretado.

MARCOS GREIA - E D. Avelar?
Pe. DELFINO - É aquele trilhão que nos conhecemos. Homem do povo.

MARCOS GREIA - Tribuna e homem do povo?

Pe. DELFINO - O que é você que tem que eu diga mais? Você sabe do tudo. Você conhece mais ele que eu.
ALZIRA - Eu acho o senhor jovem de espírito.

Pe. DELFINO - Eu não. Aqui já tá todo velho e cansado.

GALVÃO - O que o Sr. achou da tradução da missa do latim pro Português?
Pe. DELFINO - Muito mais interessante. Não tem mistério nenhum. Em latim era porque a religião é universal, com uma língua universal. Mas traduzido para o português eu qualquer outra língua, ela ficou mais interessante. Depois tem o seguinte: os livros, os missais, os manuais da igreja estão sendo conservados. Porque uma palavra séria, hoje não vale um vintém, pois o português é uma língua viva.

L. CLAUDIO - Por exemplo, a palavra "paróquia" serve pra tudo...

Pe. DELFINO - E serve pra tudo. Por exemplo: o maior calçote da paróquia. Não tem essa expressão? Logo da paróquia.

L. CLAUDIO - ... "O maior latrão da paróquia" e outras coisas feias.

Padre casar? Não sou contra, nem a favor. Muito pelo contrário

Pe. DELFINO - A gente ganhou com a tradição do ritual da missa na partição

do povo, mas a fé não aumentou.

L. CLAUDIO - O senhor falou de entusiasmo. O senhor acha que o entusiasmo do povo, de um modo geral, pela religião tem diminuído ultimamente?

Pe. DELFINO - Aqui, nesse grupomhp, nessa "curtuleia", não. Eu tenho tres missas de preceito, uma no sábado e duas no domingo, onde a igreja transborda. GALVAO - Mas este pessoal não é gente de vinte e cinco anos pra cima?

Pe. DELFINO - Não. Tem desde quatro anos. Eu peço pros meninos não entrar. Mas tem menino, tem velho, tem homem, tem cidadão, tem senhora, tem operário, tem todo mundo.

GALVAO - E a percepção da juventude de que vai a missa?

Pe. DELFINO - Agora, por exemplo, eu fiz a páscoa dos homens, que faço há trinta anos, vai rapaz, homem, todo mundo. Ninguém saiu da igreja.

EDMAR - Padre, aqui em Timon, o senhor, por ser padre, tem mais abertura com o povo, na missa? Porque geralmente isto acontece em cidades do interior.

Pe. DELFINO - Não, eu não sei. Eu não faço novidade não. Por exemplo eu, em minha igreja, nunca cantei "Jesus Cristo". Como eu gosto daquilo. O tema, a mensagem, mas não canto na minha igreja porque a música religiosa é tão rica e tão variada que não há necessidade de procurar lá fora. Mas os meus colegas fazem. Há um padre aqui, no Maranhão, é o padre Joci Neves. Ele é músico, e tem centenas de composições com o texto religioso tirado do Evangelho, e música no estilo popular. E balão, e samba, estas coisas...

ALZIRA - O senhor não acha que este tipo de música motiva a turma?

Pe. DELFINO - Não... não acho. GALVAO - Porque mudaram o nome da cidade de Flores para Timon?

Pe. DELFINO - Eu também queria saber, porque isto não tem sentido nenhum. Eu não sei onde foram arranjar este nome. Primitivamente o nome disso era

Cajazeiras, depois São José das Cajazeiras, São José de Flores, Flores e Timon. Quando eu cheguei aqui ainda era Flores, mas havia um decreto do Governo dizendo que não poderia haver duas cidades com o mesmo nome. Como já havia uma outra cidade com o nome de Flores, mandaram o nome Timon pra cá. Entregamos então ao Prefeito, um abaixo assinado solicitando ao conselho Regional de Geografia, que mudasse para São José das Flores, ou Flores de Cajazeira. Ficou nisso mesmo. Quando o prefeito terminou o mandato, foi encontrada a petição ainda em sua gaveta, e para nós saímos daqui, engoimamos este Timon atravessado.

EDMAR - O que o sr. acha da Televisão?

Pe. DELFINO - A Televisão poderia ser um bom instrumento, mas do jeito que está é a pior escola. Ela escraviza a gente. E depois as sete horas da noite a programação está em cima. Eu não vejo Televisão, só ouço os noticiários de Rádio.

ARNALDO - Padre, na sua missa entra moça de mini-saiá e roupa decotada?

Pe. DELFINO - Eu nunca olhei para isto, e nem posso ir contra a moda. Desde que me ordenei recebi instruções a este respeito. Uma vez eu fui chamado a ajudar uma missa solene celebrada por um sacerdote antigo, que só de vigário de uma igreja ele tinha 50 anos. Então, na hora da comunhão vi aquelas senhoras ali de pouca roupa, etc, decote bem avançado, coisa e tal, e eu fiquei horrorizado. Depois da missa eu perguntei:

- Padre, me ensinaram que traço tem que ser coberto, como é que é este negócio aí? E o padre me disse o seguinte: "olha, leva para tua paróquia o seguinte conselho: o importante é a alma estar bem coberta, o resto é secundário. Estas senhoras são da sociedade, senhoras de governador, de prefeito etc e não podem se vestir de outra maneira. É uma imposição da moda. De forma que eu nunca reparo pra isto.

GALVAO - Uma coisa que se fala muito é um Cursilho. Como é este movimento aqui?

Pe. DELFINO - Isto, aqui não tem não. E de Cursilho eu só conheço o lado positivo. Se tem alguma coisa negativa eu não sei.

MARCOS IGREJA - Padre, e o celibato?...

Pe. DELFINO - Vai muito bem, obrigado. (gargalhadas gerais)

ALZIRA - Já que se falou de celibato, o senhor é a favor do padre casar?

Pe. DELFINO - Eu não sou a favor nem contra (muito pelo contrário). Não vejo qual é o mal que pode causar isso. Estão aí os pastores protestantes, e como são eficientes no seu trabalho religioso. E são casados. Você tem que se convencer, menina, que isto é um problema disciplinar. Isto não é dogma. E não encontra fundamento na bíblia e nas escrituras. Apenas a igreja acha que o padre não deve casar e pronto.

GALVAO - E a TFF, padre?

Pe. DELFINO - Noutro dia veio um aqui e eu chutei. Botei pra fora.

L. CLAUDIO - Voltando o assunto "celibato", o senhor não acha que o padre sendo casado, tendo família, teria mais equilíbrio e experiência pra desempenhar a sua função?

Pe. DELFINO - Vocês estão longe de alcançar a razão porque o celibato é encoberto pra lá. O que angustia o sacerdote é esta vida de solidão. Ninguém nasce pra viver só. Eu já não sinto muito, pois já estou com cinquenta anos nesse negócio.

ALZIRA - O senhor falou pra gente que é contra o desquite e o divórcio. Então que solução o senhor aponta?

Pe. DELFINO - Não tem solução não. A solução é a preparação do casamento. A solução é acabar com esses casamentos precipitados. Deixar esse negócio de casar pelo cheiro que a fulana tem, pelas lindas mãos dele, casar com os verdes olhos dela...

EDMAR - Padre, o que o senhor acha da pítila?

Pe. DELFINO - Eu não acho nada. Eu nunca tomei aquilo (gargalhadas gerais)



CINEMA

JARI MOSEL



Roberto Carlos

Roberto Carlos e Erasmo Carlos formam a dupla de maior sucesso dentre os compositores da música jovem. Partindo para uma nova experiência, Roberto Carlos aparece em seu novo filme como ator dramático, num trabalho que recebeu boa aceitação da crítica cinematográfica dos grandes centros do país.

Uma carreira em alta velocidade

Poucas vezes no cinema brasileiro tenha conseguido tanto sucesso como os dois Robertos, cantor e cineasta. A velocidade, tema central em seu terceiro filme, já era uma constante nas anteriores — «Cervo demais», em «Roberto Carlos em Ritmo de Aventuras», «100, 150 e 200 quilômetros por hora», em «O Diamante Cur de Bussa» — e de certa forma pode-se dizer que ela tenha acelerado a carreira do já famoso cantor, em ascensão vertiginosa quanto aos seus desmandos como ator, visto que sua atuação no cinema era apenas discreta.

O lançamento de «A 100 Quilômetros por Hora» não poderia vir em melhor hora: ele encontrou Roberto Carlos em plena auge de sua carreira, após haver lançado um LP com músicas dirigidas a um público de bom gosto (classe A), dirigiu-se aos jovens, repentinamente entusiasmos pelos grandes congestionamentos de trânsito, numa época em que a produção automobilística do país mais se aproxima da classe média, transformada assim, num a significativa «massa de consumo», feita por todo que diga respeito «a quem há muito deturpa a ser desafiado; o lançamento de Roberto Carlos como ator dramático, o que não ocorre com os filmes anteriores, nos quais ele aparece apenas como «imagem» para as canções apresentadas,

A produção de «A 100 Quilômetros por Hora», como nos dois filmes anteriores, foi cuidada pela RFF Produções Cinematográficas, pertencente a Roberto Farias, também diretor do filme, que manteve a mesma equipe básica anterior, encabeçada pelo piauiense José Medeiros, diretor de fotografia. O roteiro é de Brasília Pedrosa, bastante identificável com o gosto popular, autor de bem sucedidos «scripts» para a TV em «Beto Rockfeller» e «O Caçador».

Em artigo publicado no «Jornal do Brasil», Ely Azeredo classificou «A 100 Quilômetros por Hora» como um dos bons filmes brasileiros de 71, pela «seriedade profissional dos realizadores, o surpreendente desempenho de Roberto Carlos como ator e o poder de comunicação com os jovens». Por isso, acreditamos que «A 100 Quilômetros por Hora» está fortemente cotado a ser um dos maiores sucessos desta temporada. (De 26 de abril a 2 de maio, no Cine Royal. Censura livre).

Filmes da semana

TORA, TORA, TORA — Produção nipo-americana abordando o o avônculo ataque japonês à base americana de Pearl Harbour na se-

gunda guerra mundial, «visto pelos dois lados — o americano e o japonês». Infelizmente os exibidores não forneceram a ficha técnica, numa crassa deficiência de relações públicas. Trata-se, entretanto, de um filme que vem precedido de boa aceitação pela crítica do Rio de São Paulo. Segundo A. Leite, de O GLOBO, «a seriedade — da fotografia, da ambientação, dos intérpretes — faz desse filme, no lado da seriedade — da abordagem e das intenções — uma obra que certamente agradeça, principalmente a quem exige uma soma de ambos, ou seja, de autenticidades. No Cine Royal, de hoje a 25. Censura 14 anos».

A 100 Quilômetros por Hora — Produção e direção de Roberto Farias — Com Roberto Carlos, Sílvia Carter, Onildo Teloni, Valter Prusner e Flávio Migliaccio. No Cine Royal, de 26 a 30 de abril. Censura Livre.

«A minha pistola nunca falha» — Dias 23 e 24, no Rex.

«Falanges» — Dias 23 e 26, no Rex.

«As aventuras ingenuidade do sétimo homem» — Dias 27 e 28, no Rex.

«Império dos homens maus» — Dias 28 e 30 no Rex.

Música e discos

L. Cláudio

Blessed... Joan Baez

Joan Baez, considerada uma das mais importantes personalidades no cenário musical em todo o mundo praticamente dispensa comentários. Suas canções e suas interpretações já dizem tudo. Não importa que se entenda as letras, pois mesmo que ela cantasse em chinês ou hindu a musicalidade contida em sua voz seria o bastante para nos fazer penetrar em seu mundo musical. BLESSED ARE... é mais um LP de Joan editado entre nós pela Copacabana, aliás um álbum duplo com dois discos onde ela nos traz nove composições suas além de outras de diversos autores, inclusive "Let It Be" de Lennon e McCartney que ganhou nova forma na interpretação de Joan, que considero a melhor até hoje dada aquela música. A melodia que dá título ao álbum, "Blessed Are..." é de autoria da própria Joan Baez e temos em "The Night They Drove Old Dixie Down" a música mais forte do disco e também o mais recente sucesso de Joan Baez nas paradas de todo o mundo. As demais composições que fazem parte do álbum são também excelentes e muito valorizadas pela interpretação de Joan Baez que possui uma das vozes mais lindas que conheço.

TAIGUARA embarcou sábado último para a Europa, onde gravará um compacto para a Odeon inglesa com as músicas "Universo em seu corpo" e "Hoje". Antes de viajar, Taiguara entregou três composições suas para serem incluídas na trilha sonora de "O Bofê", próxima novela da Rede Globo.

O conjunto THE FEVERS acaba de retornar de sua excursão aos Estados Unidos com um equipamento totalmente novo. Vamos ver se o repertório também melhora.

OLHA A PICARETAGEM: a gravadora Top Tape colocou no mercado a música "Day after day" com Blackfinger, que nada tem a ver com o original gravado pelo conjunto inglês BADFINGER. Por outro lado, um conjunto nacional denominado Morning Stars tem um compacto na praça com uma grosseira imitação da gravação IMAGINE de John Lennon.

O cantor Cleo Aguilar, num momento de grande inspiração, gravou um delirioso sambinha intitulado "Asfalto Falsificado". A música é bacaninha mesmo e já está nas lojas em compacto da Philips (leia-se, CBD/Phonogram)



EM PRIMEIRA MAO: John Lennon compareceu à estreia do filme "Concept for Bangla Desh" a convite de George Harrison. Na saída, em rápida entrevista Lennon garantiu que os Beatles ainda neste ano voltariam a gravar juntos.

CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL com novo LP intitulado MARDI GRASS, que sairá até o fim do mês no Brasil. Fazem parte do disco as músicas "Sweet Hitch Hiker", já editada entre nós em compacto e "Hello Mary Lou", velho sucesso de rock and roll.

BREAD - o lado suave da música pop

O grupo BREAD (que no inglês significa "pão" e na gíria "dinheiro") nasceu de um feliz acaso resultante do encontro que se juntaram em fins de 1969 para fugir aos sons supercarregados de amplificação e da música pop eletrônica, buscando um estilo suave onde pudessem desenvolver sua musicalidade. Para se ter uma ideia da experiência musical do grupo, aqui vão alguns dados de cada integrante: Larry Knechtell toca piano e órgão, tendo trabalhado anteriormente com The Byrds, Mama and Papa's, Johnny Rivers, George Harrison e Simon & Garfunkel com quem participou da gravação de "Bridge over troubled water" tocando piano. Mike Botts, baterista de origens jazzísticas trabalhou algum tempo com Wes Montgomery e Jimmy Smith antes de se juntar ao Bread. James Griffin, guitarrista e compositor fez em 1970, sob o pseudônimo de Arthur James a letra da música "For all we know", vencedora do Oscar

para temas de filmes. DAVID GATES, cantor, arranjador e profundo conhecedor de teoria musical já trabalhou com Glenn Campbell e fez arranjos para o grupo The Ventures. "Ao encontrar quatro mentes que se respeitam mutuamente, consegui a unidade musicalmente perfeita do BREAD"... diz ele. O grupo se impôs pelo seu estilo próprio de interpretar temas suaves, seu som macio e a beleza de suas composições, tendo já recebido vários prêmios, entre os quais o de "Conjunto Revelação" em 1970. A música mais marcante do grupo foi "IF", e a partir dela conseguiram outros êxitos como "Baby I'm a Want you" e "Everything I Own". Seu último LP leva o título da música EVERYTHING I OWN e já foi editado no Brasil pela Philips (leia-se, CBD/Phonogram)

DICA: O LP "Love and Peace" lançado pela BEVERLY com uma excelente seleção de músicas internacionais, inclusive a gravação "Summer Holiday" com Terry Winter. Apesar de conter cantores fantasmas e do conjunto "The I-Hayes Group" cheirar a picaretagem (não confundir com Isaac Hayes) o conteúdo do disco é bastante agradável.

DISCOS MAIS VENDIDOS - RIO DE JANEIRO COMPACTOS:

1 - There's no more corn on the brassos - The Walkers - CID

2 - Oração de um jovem triste - Antônio Marcos - RCA

3 - Un gatto nel blu - Roberto Carlos - CBS

4 - Mammy Blue - Ricky Shaine - Young

5 - Scley Scley - Middle of the Road - RCA

LPs:

1 - Bandeira dois internacional - Vários - Som Livre

2 - Moacyr Especial - Moacyr Franco - Copacabana

3 - Roberto Carlos - CBS

4 - O primeiro amor - Vários - Som Livre

5 - Explosão Musical - The Fevers - Odeon

BRECHT, um cara da pesadona

Cada um aqui da casa, tem o seu gostinho particular. O Edmar, por exemplo, é parádão na da Nicinha. O Galvão por sua vez adora e venera o Manejavão. Eu, pra não ficar atrás também tenho os meus loucos. Só que voei muito e fui buscar um lá longe, na Alemanha. Doído, lindo, gênio, santo, curtido furando e deixando sangrar: Bertolt Brecht.

Brecht nasceu em Augsburg, no Sul da Alemanha, em 1898. Aos vinte e quatro anos formou-se em medicina, seguindo o caminho traçado por seu predecessor Buchner, outro alemão desbundado, que para muitos influenciou profundamente o trabalho de Bertolt. Em Munique, para onde se transferira, iniciou sua atividade artística, escrevendo canções satíricas para um cabaré sofisticado. Daí por diante passou a fazer teatro e recebeu o seu primeiro prêmio nesta arte (Prêmio Kleist, com "Tambores da Noite"). Apesar de premiado encontrou um clima desfavorável por parte dos atores da época que se opunham à participação de suas peças. Transferiu-se novamente. Agora para Berlim. Ai enturmou-se com uns caras ligados e deu vazão à sua vontade de fazer as coisas. Estava política. Começa então a fazer peças que iam de encontro ao "establishment". Isso deu-lhe de presente um exílio, pois logo, adveio o Nazismo e Brecht teve que dar um passêlo forçado à Finlândia. De lá não botou a vio

la na saco. Criticou a política de Hitler ("Medo e Miséria no Terceiro Reich") e o Fascismo Espanhol ("Os Fuzis da Sra. Carrar"). Foi pros "stata" e colaborou com Chales Laughton na produção do afresco "Galleu Galleu," sem dúvida alguma, a mais importante de suas obras. Com a normalização da situação política, volta à Alemanha onde seu trabalho vai de vento em popa, ganhando inúmeros adeptos e sendo difundido nas diversas camadas sociais.

Morre em 1956. E como a morte é o fim de tudo, levou consigo os segredos daquilo que ele próprio chamou de Teatro Epico ou Moderno. Falar de Brecht é falar muito e dizer pouco do que ele foi.

Mas, quem é realmente esse damaturgo que dizia que "o mundo foi feito pelos homens e pode ser mudado pelos homens"? Uma pessoa que tomou a si o encargo de mudar o teatro de seu tempo para permanecer atual até os nossos dias e com possibilidades de ir muito mais longe, talvez.

Ele próprio tenta se explicar (ou se dizer?) neste retrato autobiográfico: "Eu, Bertolt Brecht, vim da Floresta Negra. Minha mãe levou-me à cidade. Enquanto eu jazia em seu ventre e ainda o frio dos bosques continuava e ficara em mim até o dia em que eu morrer.

Mais do que o vento,
Que por elas sopra, ligeiro.
Sabemos que somos os plores de todos os humanos
E que depois de nós virá — praticamente nada.
A esperança deve ser posta em futuros terremotos.
Não permitirei que a amargura apague a
...asa do meu cigarro.

Eu, Bertolt Bertolt Brecht, extraviado nas cidades de asfalto,
Trazido dos bosques, dentro de minha mãe,
Há muito tempo.

Nasci de pais abastados. Ataram-me um colarinho duro e me educaram,

Habitando-me a ser servido.
E aprendi também a arte de mandar.
Mas quando cresci, comecei a olhar em torno a mim.
A gente de minha classe não me agradou
E abandonei a minha classe e me uni
A gente pobre, sim, eu divulgo segredos,
Situando-me bem em meio ao povo, e explico
Como enganam a pobre gente e predigo
O que vai acontecer,
Pois sou iniciado em seus planos ocultos".

— MARCOS IGREJA —

O que leva a juventude a usar drogas?

Segundo trabalho de Delsher e colaboradores publicado na revista "PEDIATRICS" dos Estados Unidos, os principais motivos que levam os adolescentes a tomar drogas são os seguintes: 1) Para demonstrar seu valor e aceitar o perigo que ele implica; 2) Por motivo de rebelião e hostilidade para a autoridade; 3) Para facilitar os desejos e atos sexuais; 4) Para fugir da solidão e proporcionar novas experiências; 5) Para tentar encontrar o significado da vida.

Não existe um tipo estereotipado de adepto cada adepto é único quanto a suas experiências e constituição. Aqueles que são adeptos às drogas não tem que ser necessariamente rebeldes ou estar emocionalmente transtornados, ainda que possa acontecer nestes casos. Cada caso deve ser julgado individualmente. Blaine divide os adeptos às drogas em três tipos: os que procuram experiências os que procuram uma fuga e os que procuram trocas de personalidade.

(Noronha)

Eu sou assim

Eu sou assim, do jeito que voce é, e o mesmo que eles são. Eu sou diferente de vocês, como vocês são de mim. Aliás, todos somos diferentes na maneira de pensar, de escrever, de caminhar, de tomar, de dar, de agir de viver, etc. Como vocês estão vindo (porque quando se lê, a gente vê ao mesmo tempo), existem muitas maneiras de ser. Eu sou, tu és, ele é, o que? Neste jeito, diferente de tudo, é legal a gente saber que é único, como eu, voce, nós, e quem quiser. Quem não quiser, não é. Eu sou assim: Posso gostar de vocês, vocês podem até não gostar de mim. Posso gostar do que vocês gostam, nem que vocês não gostem, pois eu sou livre. Posso gostar e ser o que quero.

(Conceição)

Alô, amizade

Alô amizades, tudo bem? Alô Arnaldo, recebeu o cartão postal?, deu o abraço nas mesinas que eu mandei?, Alô Gordão já pediu o endereço da colega da Hebeina?, manda pra mim. Alô Lena, seu compacto tá rodando aqui parece que a coisa vai pegar né. Alô seu Valdemar, ainda se lembra de mim? eu me abro do seu Valdemar. Não foi com minha cara só porque eu sou cabeludo. Mais no outro dia, ou seja dias depois passou por mim de cabelos pintadinhos, que qui é isso seu Valdemar. Eu devia da uma curtida mais legal em cima de sua pessoa, isto é dizendo quem é o senhor, pois lhe garanto como segunda-feira a sua porta tava cheia de gente querendo lhe conhecer, mais não vou dar essa colher-de-chá, pois não gosto de escrever nome feio em jornal, além do mais sei que o sr. Elder não ia deixar. O sr. pintou muito mal seus cabelos, pois quando passou por mim eu notei até o couro cabeludo pintado já pensou se fosse eu que tivesse pintado o meu de loiro naquele dia em que eu me defrontei com o senhor, certamente o senhor mandava me bater é isso mesmo meu deus. Pra onde caminha a humanidade?

J. Alencar, de Belém

Zum Zum

No pé do ouvido

STOP

O minha gente aí da Rádio Clube, vamos aprender os nomes dos compositores das músicas que rodam aí. Depois de Aprenderem, "pelamor" de Deus digam os nomes completos. Outra coisa, a música "Como dois e dois, de Roberto, com ele mesmo", na realidade é de "Ve loso", como vocês dizem. Acabou a aula. (Galvão)

"PRESENÇA" DE TIMON

A gente andava dando uma voltinha por Timon atrás de qualquer coisa pra botar no ESTADO INTERESSANTE, aí demos de cara com um jornalzinho que a turma faz lá. O nome: "Presença". O jornal até que é legalzinho. É dirigido pelo Anala Carnibe (hoje isso aí só pra dizer que ele é meu amigo) e entre os artigos elegi um papo do Dedé sobre a Bahia, bacana para. Agora eu não entendi é porque que o nome do jornal é "Presença". Será que o pessoal de lá sabe que esse é o nome de um dos jornais mais curtidos do Brasil? Ainda: será que eles sabem o que que a pesada chama de "presença"? Cuidado gente, é por coisas assim que a turma diz o que diz de Timon. (MARCOS IGREJA)

ADEUS, CONTRATO

Vou mandar cancelar meu contrato com a TV do dr. Valter pois já cansel de andar maquillada para sair no vídeo em cores. Eu acho que o Profeta não instala na nem Televisão em branco-sem-preto. (Nícinha Almeida)

LEITE NO BRANCO

Eu vou dizer o que penso: o Miguel Cavalcante está por trás dessa falta de leite. (Manelão)

INGRATIDAO A BAHIANA

Li o depoimento de Gilberto Gil no Bondinho e a entrevista que ele conce

deu a Veja. Nenhuma citaçãozinha ao seu melhor parceiro, o Torquato Neto, autor das melhores letras das composições do bahiano. Se estiu certo, isto é INGRATIDAO a bahiana. (Jari Mosil)

DESCOBERIA

Timon tem asfalto. (Alberoni)

OS BURROS?

Se o negocio é exportar, o Piauí já tá na dele: 100 góbilos foram vendidos na semana passada para a cidadezinha de Machados, no sertão pernambucano. Pena que lá não queiram burros, o que aqui dá no melo da canela. (Jari Mosil)

BRIGADINHO

Dona Mãe, disse que O ESTADO INTERESSANTE é igual a "O Pasquim". Gratos pelo elogio. (Antares Filho)

GACHAÇA É POP, GALVAO?

O Galvão é o único apstêmio aqui da casa. So bebe água, porque o leite agora é pasteurizado e ele não gosta "dessas coisas sofisticadas". Bom, mas o papo mesmo é outro. O negocio é que o Gal está com a importante missão de "evangelizar o seu povo" ensinando-lhe o que é POP. Ocontece que o bicho falou sobre tução e não disse nada sobre a cachaca. Eu pergunto: será que existe alguma coisa mais POP que a canã? (MARCOS IGREJA)

E A MAE

Intelectual é a mãe. (MARCOS IGREJA)

CCEP

É de pessíma qualidade o plástico que esta sendo usado pelo CCEP na plástificação das Identidades Estudantis. O material é muito fino, dificultando o porte da carteira, pois o estudante tem de protegê-la numa carteira de cédulas para que a mesma não amarrote ou rasgue com o constante manuseio.

E a gente pensava que a intervenção era para melhorar as coisas. (Antares Filho)

MAMAE CE VIU?

Tem uma musiquinha aí cantada pela Adriana (Mãe ce viu) que tá fazendo um sucesso retado. É muito comercial e o tema toca bem fundo o coração das mocinhas. A música é de um piaulense. Cui, (que antes já tinha feito "Viu" de parceria com Karleba, grava da pela própria Adriana e que foi a música de estreia da cantora e da dupla de compositores). Cui, como dissemos, e daqui da terrinha mas reside na Bahia (pelo menos residia até 70). E mais que tá marcando ponto por lá. Agora o que estranhamos (e desconflamos) é o modo suspeito como ele diz as coisas na música: "Mãe, ce viu aquele cara que pas sou, mãe, ce viu aquele cara e um amor..."

Vejam aí pra vocês não dizem que a gente está condicionado a achar que fulano ou que sicrano desmunheca. (NOSFERATO)

MAIS UM

Eu não sei quem é "O TIPO" mas acho o Emerson Bocão "um tipo". (Paulo Boçal)

HUMMMF...

Pôxa, o "BAR DA NEUZA" devia cuidar mais da limpeza das suas mesas. Do jeito que tá provoca náuseas. (Dede da Múmia)

CHEGA.

ganhar tanta evidência com uma carta mas essa glória já está erchendo (Emerson Bocão).

NUNCA FOI TAO FACIL VOAR

Já está no tempo do Carlos Dias lu brificar suas "asas duras" pra poder voar quando o coronel tentar acertar as contas. (Indio Bollviano)

ADVINHE QUE VEM PARA ENCHER

O que é, o que é: um estraga o sábado, o outro o domingo (ou não vale a pena ver TV ...) - (Jari Mosil)